COZINHAS ESCOLARES COMO TERRITÓRIOS: ESTUDO COM COZINHEIRAS DO SISTEMA ALIMENTAR ESCOLAR EM PIRAÍ DO SUL, PARANÁ – RESULTADOS PRELIMINARES

Alexandre Rodrigues Lobo [1]
Celbo Antonio da Fonseca Rosas [2]
Carina Dalcol Leite [3]

[1] Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG; Ponta Grossa, Paraná; Secretaria Municipal de Educação, Piraí do Sul, Paraná – E-mail: alexandrerlobo@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7122-7590
[2] Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG; Ponta Grossa, Paraná – E-mail: celboantonio@uepg.br ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9342-3528
[3] Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG; Ponta Grossa, Paraná; Secretaria Municipal de Educação, Piraí do Sul, Paraná – E-mail: as.carinae@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0003-3917-3435

INTRODUÇÃO

A alimentação escolar é um campo de disputas que envolve aspectos políticos, econômicos e sociais, com reflexos nas relações de poder presentes no cotidiano das escolas públicas. Nesse contexto, o espaço da cozinha escolar torna-se um território estratégico, apropriado e ressignificado pelas profissionais que nele atuam.

Em meio a condições precárias de trabalho, processos de terceirização e falta de reconhecimento institucional, as cozinheiras não apenas executam tarefas essenciais à segurança alimentar e nutricional (SAN) dos alunos, mas também constroem formas próprias de territorialidade, marcadas por saberes, experiências cotidianas e estratégias de resistência. No entanto, esse mesmo espaço é constituído por tensões e conflitos relacionados às desigualdades estruturais e à fragmentação das relações de solidariedade entre essas profissionais. Esse trabalho busca compreender essas dinâmicas nas escolas municipais de Piraí do Sul, na região dos Campos Gerais do Paraná, evidenciando como a cozinha escolar constitui um espaço de disputa, apropriação e resistência no interior do território educacional.

METODOLOGIA

O projeto foi submetido, pela Plataforma Brasil (https://plataformabrasil.saude.gov.br/), para avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em setembro de 2025 (30/9/25); o parecer, com a solicitação de ajustes no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi emitido em outubro (28/10/25); a aprovação foi divulgada em dezembro do mesmo ano (8/12/25; CAEE #92596625.8.0000.0105).

TIPO DE ESTUDO E CONTEXTO EMPÍRICO DA PESQUISA

Trata-se de um estudo qualitativo de inspiração etnográfica, com desenho multimétodo, realizado no sistema alimentar escolar da rede municipal de ensino de Piraí do Sul, na região dos Campos Gerais do Paraná. A pesquisa compreende três níveis de produção de evidências: (1) mapeamento exploratório das condições de trabalho e vínculos das cozinheiras escolares por meio de instrumento estruturado; (2) caracterização territorial das unidades escolares da rede municipal; e (3) observação participante em cozinhas escolares selecionadas a partir de critérios teóricos de contraste.

A rede municipal de ensino de Piraí do Sul é constituída por treze unidades escolares, distribuídas entre quatro Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), cinco escolas urbanas de ensino infantil e fundamental, e quatro escolas rurais (três unidades em dualidade (chamada localmente como "escolas polo") – onde o espaço físico é compartilhado entre a administração municipal (educação infantil e ensino fundamental – anos iniciais) e a estadual (ensino fundamental – anos finais, e ensino médio) de ensino – e uma unidade multisseriada). A alimentação escolar nessas instituições integra o sistema municipal de execução do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, cuja gestão envolve processos descentralizados de aquisição e distribuição de alimentos e preparo e distribuição de refeições a cerca de 2,8 mil alunos.

MAPEAMENTO EXPLORATÓRIO COM COZINHEIRAS ESCOLARES

Foi construído um instrumento elaborado no formato de uma escala *Likert*, com 20 itens, na qual à frase declarativa seguiram-se respostas com diferentes graus de concordância [discordo fortemente, discordo, concordo e concordo fortemente]. O domínio teórico utilizado para a construção do questionário correspondeu às dimensões: "apego ao local de trabalho" (com a finalidade de identificar vínculo socioafetivo e dependência funcional), "precarização das condições de trabalho" (construído para medir a percepção sobre insegurança, autonomia, condições materiais e mobilidade forçada), "compromisso com a política pública" (direito à alimentação, internalização da política, responsabilidade) e "qualidade percebida da execução da política pública (produção de refeições)" e aplicada a 30 cozinheiras/auxiliares de cozinheira contratadas por uma empresa prestadora de serviços para atuar nas 13 unidades escolares de Piraí do Sul. O instrumento não teve finalidade psicométrica; foi utilizado como estratégia exploratória de mapeamento do campo empírico.

CONSTRUÇÃO DOS PERFIS TERRITORIAIS DAS UNIDADES ESCOLARES E SELEÇÃO DAS UNIDADES PARA IMERSÃO ETNOGRÁFICA

Os escores individuais obtidos no instrumento exploratório foram agregados por unidade escolar, possibilitando a construção de indicadores médios para cada escola da rede municipal. Essa agregação permitiu identificar padrões territoriais na distribuição das condições de trabalho e das relações com o ambiente institucional. A seleção das unidades para observação participante seguiu estratégia de *amostragem teórica contrastiva*, combinando os perfis identificados no mapeamento exploratório com a diversidade territorial da rede municipal de ensino. Foram selecionadas quatro cozinhas escolares representativas de diferentes contextos institucionais: um CMEI urbano, uma escola urbana de ensino infantil e fundamental, uma escola polo rural e uma escola rural multisseriada.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E PRODUÇÃO DE DADOS ETNOGRÁFICOS

O trabalho de campo foi organizado em ciclos sucessivos de observação participante em cada unidade selecionada – cozinhas escolares e demais espaços institucionais nos quais as cozinheiras desenvolvem suas atividades cotidianas – com permanência mínima de cinco dias consecutivos em cada ciclo. Ao longo do período de pesquisa, prevê-se a realização de três a cinco ciclos de observação em cada escola, permitindo acompanhar diferentes momentos da rotina alimentar escolar.

A produção de dados etnográficos foi realizada por meio de registros sistemáticos em diário de campo, incluindo notas descritivas das atividades observadas, notas analíticas elaboradas durante e após as sessões de observação, além de conversas informais com as cozinheiras ao longo da rotina de trabalho. A análise dos dados foi realizada em três níveis complementares. No primeiro nível, os resultados do instrumento exploratório foram utilizados para caracterizar o sistema alimentar escolar municipal e orientar a seleção das unidades para estudo aprofundado. No segundo nível, as observações etnográficas foram analisadas buscando identificar padrões de organização do trabalho, formas de apropriação do espaço da cozinha e estratégias cotidianas de execução da alimentação escolar (essa etapa está em andamento). No terceiro nível, os resultados serão interpretados à luz de debates teóricos sobre território, trabalho e implementação local de políticas públicas.

Uma vez que o primeiro autor atua como responsável técnico pela alimentação escolar municipal, busquei, como estratégia metodológica, diferenciar explicitamente as atividades de pesquisa das rotinas de acompanhamento técnico do programa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência etnográfica desenvolvida nesta pesquisa não se limita aos momentos formais de inserção no campo vinculados diretamente ao projeto do pós-doutorado. De certa maneira, ela também se constitui no próprio exercício cotidiano de minha atuação profissional como nutricionista responsável técnico da alimentação escolar municipal, especialmente na medida em que essa atuação tem buscado defender maior reconhecimento institucional e protagonismo às cozinheiras escolares, profissionais que considero centrais para o funcionamento do sistema alimentar escolar. Essa condição produz uma inserção contínua no universo investigado, permitindo acompanhar não apenas aspectos técnicos da execução da política pública, mas também relações de trabalho, conflitos cotidianos, formas de pertencimento e estratégias de sobrevivência construídas no interior das escolas.

Uma primeira aproximação sistemática com o campo ocorreu no segundo semestre de 2025, em caráter exploratório, junto a um CMEI localizado na área urbana do município. Naquele momento, a experiência de campo coincidiu com o encerramento dos contratos das cozinheiras terceirizadas e das auxiliares de serviços gerais responsáveis pela limpeza das escolas municipais. A iminência do desemprego, somada à incerteza quanto à continuidade profissional dessas trabalhadoras, produziu um ambiente marcado por insegurança, sofrimento e instabilidade. Paralelamente, circularam entre as funcionárias relatos, rumores e especulações sobre a permanência informal de parte da equipe nas escolas durante o período de transição contratual, especialmente de trabalhadoras consideradas mais próximas de integrantes da gestão municipal. Tais situações intensificaram conflitos, disputas internas e desconfianças entre as funcionárias, revelando como a precarização do trabalho também reorganiza relações de solidariedade, pertencimento e poder no interior das cozinhas escolares.

Durante esse período inicial, acompanhei mais proximamente as dinâmicas cotidianas da cozinha do CMEI por meio de entrevistas abertas, conversas informais, observação participante e

registros fotográficos (Figura 1). As interações estabelecidas naquele contexto permitiram observar que a cozinha escolar ultrapassa sua dimensão funcional de produção de refeições, configurando-se também como espaço de circulação de afetos, tensões, vigilâncias, disputas simbólicas e formas cotidianas de resistência. No início de 2026, já no retorno das aulas, foram realizadas atividades coletivas com todas as cozinheiras escolares da rede municipal. O primeiro encontro teve como objetivo discutir aspectos relacionados à qualidade da alimentação escolar, buscando estimular relatos sobre a importância da atuação dessas profissionais na manutenção das refeições servidas aos estudantes. Nesse mesmo contexto, foram realizadas avaliações antropométricas das cozinheiras, acompanhadas de conversas sobre saúde, alimentação e condições de trabalho, além de tentativas iniciais de construção de cartografias afetivas relacionadas aos trajetos cotidianos entre residência e escola.



Figura 1. Cotidiano de cozinheiras escolares em um CMEI de Piraí do Sul, Paraná. Os registros foram feitos em outubro de 2025. No fim daquela semana, houve uma homenagem na despedida das funcionárias; o contrato da empresa com a prefeitura seria rescindido no dia seguinte. Fonte: Autor (2025).

Paralelamente, foi elaborado um mapeamento preliminar das escolas municipais, entendidas aqui como territórios institucionais marcados por distintas formas de organização das relações de

trabalho, pertencimento e execução da política pública de alimentação escolar. Para essa aproximação inicial, foram consideradas dimensões como apego ao local de trabalho, precarização das condições laborais, compromisso percebido com a política pública e qualidade da execução da alimentação escolar. A partir desse levantamento, foram selecionadas para aprofundamento etnográfico uma escola urbana de educação infantil e ensino fundamental, um CMEI, uma escola polo rural e uma escola rural multisseriada.

As primeiras experiências de imersão nesses espaços têm evidenciado diferenças importantes nas formas de organização cotidiana das cozinhas escolares, bem como nas relações sociais estabelecidas entre as funcionárias. Na escola polo rural, por exemplo, a presença simultânea de uma cozinheira vinculada ao município e outra ao estado revelou tensões associadas não apenas às condições de trabalho, mas também às disputas históricas existentes entre profissionais das duas redes de ensino. Nesse contexto, conflitos cotidianos, comentários indiretos, fofocas e pequenos gestos de distanciamento operam como mecanismos permanentes de regulação das relações interpessoais e do pertencimento ao espaço escolar.

As observações realizadas até o momento também têm demonstrado a presença marcante da religiosidade nas interpretações construídas pelas cozinheiras acerca da vida cotidiana, do sofrimento e das dificuldades enfrentadas no trabalho e fora dele. Referências religiosas aparecem frequentemente associadas às explicações sobre doenças, conflitos familiares, desemprego, dificuldades financeiras e trajetórias pessoais marcadas por trabalhos precários anteriores, especialmente experiências ligadas ao trabalho rural e ao trabalho temporário como boias-frias. Nesse sentido, as cozinhas escolares revelam-se não apenas como espaços de trabalho, mas como lugares onde trajetórias de vida, memórias, sofrimentos e formas de resistência cotidiana se encontram e se reorganizam permanentemente.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa também vem incorporando elementos relacionados à multimodalidade etnográfica, especialmente por meio do uso articulado de fotografias, desenhos etnográficos e mapas produzidos a partir da observação participante. Entre essas experiências, destaca-se a construção preliminar de um mapa espaguete junto às cozinheiras do CMEI (Figura 2), buscando compreender fluxos corporais, deslocamentos e usos cotidianos do espaço da cozinha escolar. As primeiras observações indicam que a organização espacial da cozinha não se limita à lógica técnica de produção das refeições, sendo constantemente reorganizada pelas relações entre as funcionárias, pelas condições materiais disponíveis e pelas formas cotidianas de apropriação do espaço. Tais experiências têm contribuído para compreender as cozinhas escolares como espaços de forte densidade territorial e afetiva, nos quais pertencimento, conflito, memória e trabalho se articulam continuamente. Mais do que ambientes técnicos destinados exclusivamente à produção de refeições, esses espaços se configuram como territórios cotidianos de convivência, disputa e construção de sentidos, permitindo compreender a alimentação escolar para além de sua dimensão operacional e institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As próximas etapas da pesquisa concentram-se na continuidade e aprofundamento da imersão etnográfica nas instituições de ensino selecionadas, buscando consolidar os ciclos de observação participante inicialmente planejados. Nesse sentido, pretende-se concluir o ciclo 1, atualmente em andamento, e desenvolver integralmente os ciclos 2, 3 e 4 da pesquisa de campo, ampliando o acompanhamento das dinâmicas cotidianas das cozinhas escolares em diferentes contextos institucionais e territoriais.

A continuidade do trabalho de campo permitirá aprofundar a identificação de padrões relacionados à organização do trabalho, às formas de apropriação do espaço da cozinha escolar e às estratégias cotidianas mobilizadas pelas cozinheiras para viabilizar a execução da alimentação escolar diante de limitações materiais, institucionais e relacionais presentes no cotidiano das escolas. Pretende-se, ainda, avançar na compreensão das distintas territorialidades produzidas nesses espaços, considerando as especificidades observadas entre escolas urbanas e rurais, bem como os diferentes vínculos institucionais e trajetórias de vida das profissionais acompanhadas.

Paralelamente, a pesquisa avançará na sistematização e interpretação analítica do material empírico já produzido, articulando as observações de campo aos debates teóricos relacionados ao território, ao trabalho e à implementação local de políticas públicas. Nesse processo, também será incorporada a metodologia documentária de interpretação de imagens, especialmente voltada à análise de registros fotográficos, desenhos etnográficos e demais materiais visuais produzidos durante a pesquisa, buscando compreender dimensões não discursivas presentes na organização cotidiana das cozinhas escolares e nas relações estabelecidas nesses espaços.

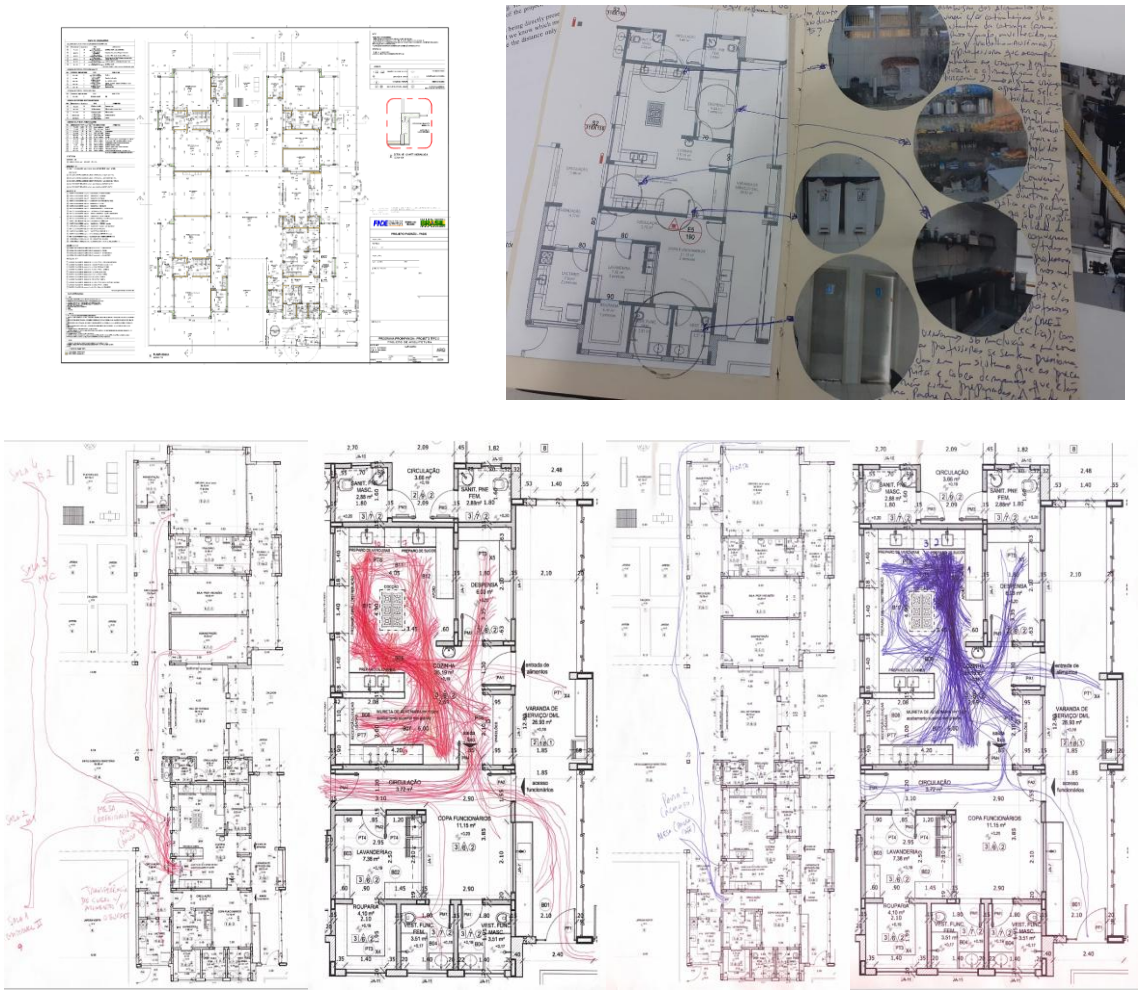


Figura 2. Diagrama espaguete de cozinheiras escolares em Piraí do Sul. Os mapas foram construídos no período da manhã, em dias diferentes, para a auxiliar de cozinheira (vermelho) e a cozinheira (azul). Registros fotográficos de diferentes pontos da cozinha foram utilizados para mapeamento dos espaços onde os deslocamentos ocorreram. Fonte: Autor (2026).

PALAVRAS-CHAVE

Cozinhas escolares; cozinheiras; Trabalho; Territorialidades; Etnografia.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem às cozinheiras escolares municipais que participaram desse estudo.

REFERÊNCIAS

Berger J. (2025). *Modos de ver*. São Paulo: Fósforo, 183 p.

Chaves, F. M. (2000). Outros olhares em escolas públicas: as relações sociais de trabalho sob a ótica de merendeiras e serventes. *Trabalho & Educação* (ISSN 1516-9537), 7:132-156. https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9208?articlesBySimilarityPage=55

Druck, G. A. (2016). terceirização na saúde pública: formas diversas de precarização do trabalho. *Trabalho, Educação e Saúde*, 14(S1):15-43. https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00023

Lapassade, G. (2005). *As microssociologias*. Brasília: Liber Livro Editora, 150 p. (Série Pesquisa em Educação, 9).

Machado, T. S. (2022). *Um pé na cozinha: um olhar sócio-histórico para o trabalho das cozinheiras negras no Brasil*. São Paulo: Fósforo, 397 p.

Novaes, S. C. (2014). O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 8(2):57-67. https://doi.org/10.4000/cadernosaa.245

Raffestin C. (1993). *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Editora Ática. 269 p. (Série Temas; 29; Geografia e política).

Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp. 259 p. (Coleção Milton Santos; 1).

Silva. D. A, Alcantara, F. V, Silva, E. R. F. (2025). A escola como território de relações sociais. *Boletim Alfenense de Geografia*, 5(10):93-105. https://doi.org/10.29327/243949.5.10-5

Spivak, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 174 p.

Westmoreland MR. Multimodality: Reshaping Anthropology. *Annual Review of Anthropology*. 51:173-94, 2022. https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-121319-071409

Whyte, W. F. *A sociedade da esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 390 p.